

AAUTOGESTÃO COMO ESCOLA DA VIDA POLÍTICA PARA ALÉM DO CAPITAL

Paulo Lisandro A. Marques – IENH
plamarques@yahoo.com.br

Rita de Cássia Maciazeki Gomes – SETREM
ritamaciazeki@yahoo.com.br

Eixo 5: Trabalho-educação e a formação dos trabalhadores (educação profissional, tecnologias da educação e trabalho como princípio educativo)

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a relação da Educação, em suas perspectivas crítica e emancipatória, com a práxis autogestionária realizada no âmbito das experimentações de trabalho associativo da Economia Solidária. Para tanto, problematiza a dimensão pedagógica/educativa da autogestão e sua contribuição para a construção de novas epistemologias e práxis educativo-política para além da lógica do capital. Utilizamos como referenciais teóricos os conceitos de pedagogia da produção associada de Lia Tiriba e Henrique Novaes; sociologia das ausências e emergências de Boaventura de Souza Santos; Educação Popular Libertária de Paulo Freire e educação para além do capital de István Mészáros. A partir das discussões apresentadas, buscamos contribuir com o debate na construção coletiva de caminhos, na lógica contra-hegemônica encontrada nas práticas autogestionárias no trabalho, direcionados aos processos educativos emancipadores.

Palavras-chave: Autogestão, Economia Solidária, Educação Popular

Introdução

Se, a educação como prática social produz e reproduz relações culturais sociais e simbólicas (BOURDIEU, 2011), por outro lado, ela representa oportunidades e possibilidades para as transformações das relações sociais dominantes, quando práticas libertárias, reflexivas e emancipatórias são efetivadas.

A busca por uma educação crítica¹ e emancipatória, preocupada com a formação integral do ser humano e a superação de um modelo de sociedade baseada na exploração, mostra-se presente há muitos séculos na história da humanidade. Foram muitos os educadores, pedagogos, filósofos e intelectuais que se dedicaram a essa busca, e que ainda hoje nos inspiram. Podemos destacar os pedagogos Makarenko, Pistrak, Ivan Illich, Ferrer Guardia e Paulo Freire entre outros. Cada um, a seu modo, centrava suas preocupações em uma teoria e uma prática pedagógica capaz de construir o homem novo, que pudesse ser não

1 Partimos do conceito de educação crítica, aquela que busca expor o modo como as relações de poder e desigualdade (social, cultural, econômica), em sua miríade de combinações de formas e complexidades, manifestam-se e são postas em questão na educação formal e informal das crianças e adultos. Ver APPLE, M. AU, W. GANDIN, L. In Educação Crítica. Análise Internacional, Artmed, 2011.

só lutador, mas também construtor de uma nova sociedade (FREITAS *apud* BENINI, 2012). Estes exemplos ilustram o rico universo da produção pedagógica e mostram que nossas preocupações não são exclusivas de nosso tempo, já tendo sido pensadas, formuladas pelas gerações anteriores.

Para além dos diferentes contextos histórico-ideológicos que permeiam cada uma das propostas é possível identificar alguns pontos comuns, que servem de referência para a construção de uma educação emancipatória, entre eles destacamos às práticas de trabalho e as produções autogestionárias. Nesta perspectiva, a educação adquire um sentido específico que é a da estreita relação entre trabalho, educação e vida, ou seja, a escola ou o ambiente escolar não é mais um espaço de preparação para a vida, mas sim a própria vida (NOVAES, 2011). É nesse sentido que a *autogestão*² como *auto-organização e trabalho coletivo*, constitui-se como uma contribuição decisiva para uma educação na perspectiva emancipatória.

Podemos afirmar que, essa relação entre propostas de educação libertária com as práticas de autogestão já estão em curso. Identificamos a existência de um conjunto de experiências em educação com perspectiva contra-hegemônicas no campo da educação crítica (APPLE *et all*, 2011) ou educação libertadora que se relacionam diretamente com as experiências de produção associativa autogestionária, colocando em prática um leque de métodos pedagógicos que vão desde os fundamentos da escola e do trabalho, as escolas itinerantes do MST (CAMINI, 2009) as escolas de família agrícola, a educação popular, dentre inúmeras outras (NOVAES e CASTRO, 2011).³

Isto quer dizer que não partimos do zero, mas de ricas experiências que precisam ser valorizadas e socializadas como propostas contra-hegemônicas a serem apropriadas pelos movimentos sociais como ferramentas no processo de luta e construção de uma nova hegemonia no campo cultural e político. Devemos enfatizar, também, que estes tipos de construções na atualidade, se realizam no âmbito dos movimentos sociais que retomam a teoria e prática da *autogestão*.

2 Utilizamos para este projeto o conceito de Autogestão de Albuquerque no sentido de pensá-lo como um processo vinculado a um outro tipo de ação social, que busca pela reapropriação de sua força produtiva geral, não só a apropriação do desenvolvimento do indivíduo como sujeito social, mas também ressignificar as práticas sociais relacionadas à organização do trabalho associando-as à idéia-força de mudança radical e de transformação da sociedade capitalista(Albuquerque, P, *Autogestão*, In Cattani, Dicionário da Outra Economia, Veraz, 2003, p. 25)

3 Cabe destacar que aqui fazemos referência a experiências com graus diferentes de autonomia em relação à programas com apoio governamental, portanto, incluímos os cursos financiados pelo MEC para Licenciatura em Educação no Campo, além de outras já existentes, como a Escola Josué de Castro, em Veranópolis(RS), outras escolas estaduais, as escolas de família agrícola em Minas Gerais, cursos universitários e escolas itinerantes do MST assim como Os Centros de Formação em Economia Solidária- CFES, as políticas de qualificação para a Economia Solidária via Plano de Qualificação(PLANFOR), os diversos cursos que foram criados pelo Pronera.

A autogestão como escola da vida política para além do capital

A produção cooperativa e associada, coetânea ao surgimento do modo capitalista de produção, no século XIX, ganhou um novo impulso no Brasil, em meados da década dos 90, a partir da iniciativa de movimentos sociais contra-hegemônicos como resposta a grave crise do desemprego. Mesmo em um contexto defensivo e de regressão histórica - com advento do neoliberalismo -, experiências contra-hegemônicas como as Fábricas Recuperadas (DAL RI, VIEITEZ 2001, 2008, 2009; NOVAES, 2010), os assentamentos coletivos do MST (CHRISTÓFOLLI, 2000; PAGOTTO, 2003) as cooperativas habitacionais na América Latina, algumas pequenas cooperativas urbanas e rurais, nos limites estreitos do contexto atual, podem ser consideradas embriões de novas relações de produção e reprodução da vida. Ao mesmo tempo, apontam para a *autogestão* em sentido amplo (ALBUQUERQUE, 2003), retomado assim temas clássicos como o do trabalho associado como princípio educativo (NOVAES, 2011a). É o que Novaes, utilizando o conceito de Mészáros vai definir como possibilidades de uma *educação sistemática para além do capital* (NOVAES, 2011b, p. 129).

Essas experiências de auto-organização da produção e do trabalho a partir cooperação e associativismo inauguram, portanto, não apenas práticas novas no campo da economia dos setores populares, mas perspectivas de retomada da relação entre *pedagogia* e *produção associada* (NOVAES, 2011; NASCIMENTO, 2011). Para alguns autores (SINGER, 2003; GAIGER, 2003; FRANÇA FILHO & LAVILLE, 2004; BENINI, 2012; DAGNINO; NOVAES 2010; MARQUES 2006, 2011) esta renovação da prática autogestionária vai ganhar reconhecimento no Brasil e América Latina com a denominação comum de *Economia Solidária*, em seus mais diversos tipos e experimentações.

Este *novo movimento social*⁴ da *Outra Economia*⁵, que ao mesmo tempo é econômico e social, a medida que, é constituído de iniciativas econômicas formadas a partir da associação de produtores e ou consumidores, caracterizadas pela autogestão coletiva dos empreendimentos, também tem um caráter político e cultural pois desde suas primeiras

4 Esta problematização sobre a Economia Solidária como novo movimento social foi o tema de minha pesquisa de doutorado realizada na Universidad de Granada. MARQUES, P. Otra Economía en movimiento: Un estudio sociológico sobre el movimiento social de la Economía Solidária en Brasil. Tese de doutorado, Universidad de Granada, 2011.

5 A denominação de *Outra Economia* é amplamente utilizada pelos militantes do movimento a partir da identidade com os princípios e propostas surgidas no âmbito do Fórum Social Mundial, cuja consigna é "outro mundo possível". Ver CATTANI, A.D. et al. (Orgs.) Dicionário Internacional da Outra Economia, São Paulo, Almedina, 2009 e MARQUES, P. Otra Economía en Movimiento: Un estudio sociológico del movimiento social de la Economía Solidaria en Brasil, Tese de doutorado, Universidad de Granada, 2011.

manifestações, congrega ideais mais amplos de contestação e transformação social. Assim como conforma um rico campo de experimentações e possibilidades de construção de *saberes* e *criações* conforme indicam os valiosos estudos dos pesquisadores como Henrique Novaes (NOVAES, 2011a), Ana Mercedes Icaza (ICAZA, 2009), Neusa Maria Dal Ri e Candido Giraldez Vieitez (DAL RI; VIEITEZ, 2008), Luiz Razeto, Paul Singer (RAZETO, 1997; SINGER 2002). Vale destacar a obra *A Outra Economia*⁶(CATTANI, 2003) que de maneira pioneira sistematizou os novos conceitos e categorias teóricas sobre Economia Solidária.

A relação da Educação com as práticas autogestionárias da Economia Solidária aparece desde as primeiras teorias sobre o tema, como pode-se observar nas obras de dois dos principais teóricos do tema, sociólogo chileno Luiz Razeto(1997) e o economista brasileiro Paul Singer(2002). Conforme apontam Cruz e Guerra(2009) ambos apresentam uma visão em sua teorização sobre a Economia Solidária similar à de Paulo Freire sobre Educação Popular, ou seja, chamam a atenção para o fato de que as empresas solidárias não sobreviverão sem uma mudança significativa da cultura, da política e da economia, que não comportam, na sociedade atual, e predominância da solidariedade, da democracia participativa e do mercado socialmente regulado. Mas estão convencidos, por outro lado, que a *Economia Solidária* é parte importante deste processo de transformação, à medida que *educa os trabalhadores para uma nova sociedade*, que experimenta valores dialógicos e que prefigura o tipo de organização econômica que poderá superar o regime de compra-e-venda de trabalho.

É, portanto, como definiu Singer (2005), o caráter pedagógico da prática autogestionária o elemento mais significativo das experimentações da Economia Solidária, dado que a transição do trabalho assalariado ao trabalho associativo pressupõe um processo educativo, isto é, um processo de mudança na valoração das relações simbólicas dos trabalhadores entre si, mas também, destes com as outras esferas da vida social. Singer também destaca a necessidade de uma reeducação para a Economia Solidária, ou seja:

Fica claro que a prática da Economia Solidária exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas. Essa reeducação tem de ser coletiva, pois ela deve ser de todos os que efetuam em conjunto a transição, do modo competitivo ao cooperativo de produção e distribuição [...] Essa reeducação coletiva representa um desafio pedagógico [...] A pedagogia da Economia Solidária requer a criação de situações em que a reciprocidade surja espontaneamente, como o fazem os jogos cooperativos. Importa aqui menos o aprendizado do comportamento adequado do que o

6 A partir desta obra os organizadores ampliaram o projeto para um Dicionário Internacional da Economia Solidária, agregando contribuições de pesquisadores de vários países sobre o tema. Ver CATTANI A. D. (et. al) Dicionário Internacional da Outra Economia, São Paulo, Almedina/CES, 2009.

sentimento que surge da prática solidária. (SINGER, 2005, p.16)

Experimentar a prática da Economia Solidária, portanto, é parte deste processo educativo, é onde se forja a dialogicidade que permite aos coletivos constituírem-se como proprietários de seu próprio trabalho, abrindo uma janela para a possibilidade de sua construção como sujeitos históricos. Vale destacar que esse processo educativo, como qualquer experiência, não está isento de contradições assim como os movimentos sociais.

Dessa forma, é fundamental analisar esta relação, de forma crítica, buscando compreender seus limites atuais, obstáculos e possibilidades a partir o envolvimento em conjunto de educadores, estudantes, pesquisadores e trabalhadores autogestionários.

Para contribuir com este processo de análise destacamos de, forma breve, algumas contribuições clássicas e contemporâneas no campo de estudos sobre educação e da autogestão que entendemos como premissas fundamentais para o aprofundamento das discussões sobre a educação na perspectiva emancipatória. São elas: a) "*Pedagogia da Produção Associada*" de Lia Tiriba e "*Autogestão como magnífica escola*" de Henrique Novaes; b) *Sociologia das ausências e das emergências* de Boaventura Santos; c) *Pedagogias críticas e emancipatórias e Educação Popular* de Paulo Freire; d) *Educação para além do capital* de István Mészáros.

a) Pedagogia da Produção Associada e autogestão como "Magnífica escola"

Paulo Freire considerava os movimentos sociais populares como a *grande escola da vida*. Neles as ações por melhorias concretas no bairro ou das condições de vida andariam de mãos dadas com a reflexão sobre o entorno e sobre as estratégias de luta. É por esse caminho, diz Freire, "*que o Movimento Popular, vai inovando a educação*" (FREIRE; NOGUEIRA, 1989, p. 66). Podemos fazer uma relação desta consideração de Paulo Freire com a Economia Solidária que surge dos movimentos sociais populares e constitui-se como *laboratórios de experimentação social* (MARQUES, 2006).

Na mesma linha de pensamento, o pesquisador Henrique Novaes(2011) em um estudo sobre pesquisas acadêmicas relacionadas a autogestão, aponta que para a maioria dos pesquisadores do tema da Economia Solidária a autogestão é *a magnífica escola*. De modo que, é nos processos que tendem a ser autogestionários que a classe trabalhadora experimenta possibilidades diversas, tais como, desnaturalizar a separação eterna entre dirigentes e dirigidos, entre concepção e execução, aprende a lutar de forma coletiva contra os patrões,

contra os sindicatos burocratizados, contra diretorias de cooperativas que nunca saem dos postos estratégicos, contra líderes que se eternizam na direção dos movimentos sociais e ou contra o Estado. Aprende a dividir o trabalho de uma nova forma, a fazer rodízios de cargos, a utilizar a assembleia para decidir assuntos estratégicos, gerando um processo coletivo de aprendizagem. Ademais, pode repartir os "salários" de uma nova forma, questionando a hierarquia salarial capitalista. Todos esses elementos nos permitem “analisar o trabalho cooperativo como princípio educativo” (NOVAES, 2011a, p. 167).

Outra pesquisadora do tema da educação e da Economia Solidária é Lia Tiriba, em seu livro *"Economia Popular e Cultura do Trabalho -Pedagogia(s) da produção associada"*, salienta que, assim como na fábrica capitalista, também nas unidades econômicas o processo de trabalho se desenvolve como um ambiente de educação, ao mesmo tempo técnica e política. *"À medida que seus integrantes aprendem os conhecimentos específicos para produzir os bens materiais para sua sobrevivência, apreendem, também, os valores, os comportamentos necessários para o estabelecimento de determinadas relações de produção"*(TIRIBA, 2001, p. 212)

Segundo Tiriba, a *pedagogia da produção associada* requer a permanente articulação entre teoria e prática, tanto no dia-a-dia do trabalho, nas escolas improvisadas, no interior das fábricas, como nas demais instâncias sociais. Conforme a autora citando Gramsci, a educação vai além da educação escolar, pois tem a capacidade de invadir todos os processos que envolvem a formação da consciência e a produção da subjetividade. Para Gramsci a ruptura com a divisão da escola em formação geral e formação profissional e o aparecimento da escola unitária correm emparelhados com a criação de novas relações entre o mundo do trabalho e mundo da cultura, não só na escola, mas também em nível de toda a vida social (TIRIBA, 2001, p. 188).

b) Sociologia das ausências e das emergências de Boaventura Santos

A sociologia das *ausências e emergências*, do Sociólogo Boaventura de Souza Santos, constitui-se em uma importante contribuição para o campo de análise da sociologia crítica contemporânea.

A Sociologia das emergências aparece aqui associada a ideia dos exercícios prospectivos de imaginação de novas possibilidades disponíveis, mas ainda não existentes da realidade de nossas subjetividades e sociabilidades. Boaventura de Sousa Santos cunhou um conceito que dá conta dessa ideia: para ele, no campo das ciências sociais, devemos fazer uma

“[...] sociologia das emergências, a qual consiste numa amplificação simbólica de sinais, pistas e tendências latentes que, embora dispersas, embrionárias e fragmentadas, apontam para novas constelações de sentido referentes tanto à compreensão como à transformação do mundo” (SANTOS, 2011, p. 83). Segundo Frigotto, a sociologia das ausências e a ecologia dos saberes, de Boaventura Santos, instigam a um desafio epistemológico:

A sociologia das ausências trata da superação das monoculturas do saber científico, do tempo linear, da naturalização das diferenças, da escola dominante, centrada hoje no universalismo e na globalização, além da produtividade mercantil do trabalho e da natureza. (FRIGOTTO apud SANTOS, 2011, p. 9)

O caminho proposto por Boaventura Santos, conforme Frigotto (2011) é a contraposição as cinco "monoculturas" a partir de cinco "ecologias", que se encontrariam nas sociedades que estariam às margens colocadas pelos centros hegemônicos colonizadores. As cinco ecologias seriam a *ecologia dos saberes*, que postula um diálogo do saber científico com o saber popular e laico; a *ecologia das temporalidades*, que considera os diferentes tempos históricos; a *ecologia do reconhecimento*, que pressupõe a superação das hierarquias; a *ecologia da transcala*, que possibilita articular projetos locais, nacionais e globais e por fim a *ecologia das produtividades*, centrada na valorização dos sistemas alternativos de produção da economia solidária, popular autogestionária.

A sociologia das ausências é um procedimento transgressivo, uma sociologia insurgente para tentar mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não existente, como uma alternativa não crível, como uma alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo (SANTOS, 2011, p. 29)

Já na sociologia das emergências Boaventura Santos encontra os sinais, as pistas, as latências, as possibilidades existentes no presente, que são sinais do futuro. Possibilidades emergentes que são "descredibilizadas" porque são embriões, de coisas não muito visíveis (SANTOS, 2011). Nesse campo das "emergências" encontramos novos "saberes", uma vez que, toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias, compreendida como toda noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. Todavia, salienta Santos, "é importante levar em consideração que não há conhecimento sem práticas e atores sociais, e como elas não existem senão no interior das relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias" (SANTOS, 2010, p. 09).

c) Pedagogias críticas e emancipatórias Educação Popular de Paulo Freire

A educação crítica, conforme Apple "envolve transformações cruciais dos pressupostos epistemológicos e ideológicos subjacentes relativos ao que importa como conhecimento "legítimo" e a quem detém tal conhecimento [...] ela também está fundamentada em mudanças radicais dos compromissos de cada um com o social" (APPLE, 2011, p.14).

Associada a esta definição, também, identificamos as *pedagogias emancipatórias* de Pistrak (2001, 2009), Ivan Illich⁷, Ferrer Guardia(1976) e Paulo Freire (2000) entre outros que compõe o que denominamos como *campo epistemológico contra-hegemonico*. Este campo já pode ser considerado clássico, à medida que, suas contribuições não são datadas, pois mesmo em contextos diferentes, apontam questões e problematizações ainda vigentes e não respondidas sobre os desafios da educação na contemporaneidade.

Destacamos a pedagogia da *Escola-Comuna* do russo Pistrak(2009) direcionada para a formação de lutadores na URSS, dos anos 20. Segundo Novaes e Castro essa pedagogia tinha como objetivo não só desconstruir a sociedade de classes, mas construir uma sociedade para além do capital. Sobre a importância desta referência teórica para as lutas de hoje, estes autores lembram que o MST é um dos movimentos que incorpora a necessidade da escola e, do próprio movimento formar lutadores para a construção de uma nova sociedade (NOVAES e CASTRO 2011, p. 153).

A pedagogia libertária tem no educador catalão anarquista Ferrer Guardia, uma grande referência, com a chamada Escola Moderna. Segundo Dolors Marín (2009) a Escola Moderna de Ferrer Guardia propunha uma metodologia baseada na cooperação e respeito mútuo. Ele considerava que o cientificismo não era um saber neutro e a concepção burguesa de castigos, repressão, submissão e obediência, deveria ser substituída pela teoria libertária, de formação do novo homem e da nova mulher (MARÍN,2009).

Destas pedagogias críticas/libertárias identificamos, em especial, à Educação Popular Freireana, principalmente por sua relação de caráter histórico com a Economia Solidária. Conforme apontam Cruz e Guerra (2009) encontraremos na própria trajetória de construção do movimento de Economia Solidária uma profunda relação com a *Educação Popular*. Essa

7 Um importante estudo sobre a teoria de Ivan Illich e Paulo Freire está em TORRES, C. A. Os mundos distorcidos de Ivan Illich e Paulo Freire, In TEODORO, A.; TORRES, C.A(orgs) Educação crítica e utopia-perspectivas para o século XXI, São Paulo, Cortez, 2006.

conexão pode ser encontrada a medida em que parte significativa dos empreendimentos solidários nascem e crescem da ação de lideranças oriundas dos movimentos sociais dos anos 80 e 90 e que se caracterizaram por uma forte influência da Educação Popular, de Paulo Freire.

Segundo Cruz e Guerra (2009) o diálogo dessas duas práticas dialógicas - a Economia Solidária e a Educação Popular- não só estava atravessada pelos mesmos valores éticos e políticos, mas também por uma cumplicidade estreita em relação a seus objetivos: de um lado a Economia Solidária necessita construir conhecimento para viabilizar-se como alternativa econômica dos setores populares, de outro, a Educação Popular precisa apontar para ações concretas que permitam aos setores populares experimentarem práticas autônomas de inserção política, econômica e social (CRUZ, A; GUERRA, 2009).

Cabe destacar, ainda, que a Educação Popular, na concepção de Paulo Freire, construiu seu espaço de intervenção social como uma práxis fundamentada na produção coletiva de valores sociais - que inclui o conhecimento- marcados pela crítica de quaisquer relações de exclusão que possam subsistir em qualquer tempo e qualquer lugar. Ela não se pretende, neutra ou isenta, ela toma partido pelos oprimidos e o ato de ensinar e aprender deve refletir a ideia de uma prática social sem opressores e oprimidos - numa palavra, ensinar e aprender passa a ser partilha, passa a ser comunhão, passa a ser troca e construção , ao invés de transferência ou adestramento. A teoria da Educação Popular tem no conceito de *dialogia* de Paulo Freire a expressão de uma práxis marcada pela interação, pela cooperação, pelo diálogo e pela solidariedade dos atores sociais (STRECK, 2006, p. 280). A partir disso podemos identificar que a Educação Popular e Economia Solidária adquirem um sentido comum de convergência de perspectivas.

Outro elemento comum é a necessidade, por parte de ambas as expressões, de uma qualificação, ou seja, acrescentar um adjetivo que marque a diferença entre o "tradicional" e o que elas querem representar. Não se trata, portanto, de falar de educação ou economia em geral, mas sim do *caráter específico* tanto de uma prática pedagógica como da econômica, ambas vinculadas à vida e aos interesses das classes populares. Pesquisar a Educação e sua relação com a Economia Solidária e os movimentos sociais é pesquisar a educação para além do capital e como prática da liberdade.

d) Educação para além do capital de Mészáros

István Mészáros não é um "filósofo da educação", mas sua obra marxiana tem

contribuído de forma fundamental para a reflexão sobre "os limites e equívocos das visões liberais e utópico-liberais da educação", conforme destacou Gaudêncio Frigotto (2008) na apresentação do livro "Educação para além do capital" de Mészáros. O autor destaca, ainda, a visão de Mészáros sobre a necessidade de ruptura nas relações sociais que estão sob o controle do sistema do capital, ou não haverá mudanças profundas no sistema educacional.

Uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudanças (MÉSZÁROS, 2008, p. 25).

Para este autor o complexo sistema educacional da sociedade é também um dos responsáveis pela produção e reprodução da estrutura de valores no interior do qual os indivíduos definem seus próprios objetivos e fins específicos. As relações sociais de produção reificadas sob o capitalismo não se perpetuam automaticamente. Elas só o fazem porque os indivíduos particulares interiorizam as pressões externas: eles adotam as perspectivas gerais da sociedade de mercadorias como os limites inquestionáveis de suas próprias aspirações. (MÉSZÁROS, 2006, p.264)

É com isso que os indivíduos "*contribuem para manter uma concepção de mundo*" e para a manutenção de uma forma específica de intercâmbio social, que corresponde àquela concepção do mundo (MÉSZÁROS, 2006, p.264). Itsvan Mészáros faz a crítica ao atual modelo hegemônico de Educação ao afirmar que a educação não é um negócio, é *criação*, o que significa que não deve qualificar para o mercado, mas para a vida; uma educação que este pensador identifica como uma *educação para além do capital* (MÉSZÁROS, 2008, p. 9).

A produção teórica de Itsván Mészáros, assim como, de Boaventura Santos e Paulo Freire constituem contribuições fundamentais para uma reflexão crítica sobre a educação.

Considerações Finais

A partir destas considerações, baseadas em um conjunto de contribuições teóricas *libertária-emancipatórias*, identificamos como desafio central a consolidação da relação entre a Educação e as práticas de trabalho cooperativo/autogestionário através do aprofundamento das discussões teórico-práticas sobre *autogestão*. Entre os possíveis caminhos para essa consolidação apontamos o papel das experiências autogestionárias na constituição de novas epistemologias, a partir dos saberes e criações de cada experiência; criação e fortalecimento de projetos como a Universidade dos Movimentos Sociais, espaços de convivência entre

saberes, espaços e tempos plurais e diversificados, para além, da mera reprodução da cultura dominante.

Estas proposições devem ser lidas como contribuições para o necessário "acerto de contas com as relações sociais, as ideias, valores e formas de produção e socialização do conhecimento burguês, (FRIGOTTO *apud* VENDRAMINI, e MACHADO, 2011, p.10). Acerto de contas necessário para a superação: tanto da ideologia da classe burguesa, como da visão mecânica de setores do pensamento de esquerda que ainda não compreendem o papel pedagógico da autogestão realizada pelos movimentos sociais, mesmo sob o capitalismo, como uma ferramenta estratégica para construção de uma sociedade emancipada.

Nesse sentido, torna-se urgente, não só conhecer e problematizar a relação da Educação com as práticas de trabalho e de produção autogestionária da Economia Solidária, mas, sobretudo, pensar um novo sistema alternativo ao sistema orgânico do capital o que passa pelo fortalecimento de ferramentas libertárias como a *pedagogia da autogestão* e a *autogestão da pedagogia*, com vistas a construção de uma sociedade livre e emancipada da lógica do capital.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, P. *Autogestão*. In: CATTANI, A.(Org.) *A Outra Economia*, Porto Alegre, Veraz, 2003.

APPLE, M. *et.al. Educação Crítica. Análise Internacional*. São Paulo, Artmed, 2011.

BENINI, E. *Sistema Orgânico do Trabalho. Arquitetura crítica e possibilidades*. São Paulo, Icone, 2012.

BOURDIEU, P. ; PASSERON, J.C. *A Reprodução*. Petrópolis, Vozes, 2011.

CAMINI, I. *Escola Itinerante: na fronteira de uma nova escola*. São Paulo, Expressão Popular, 2009.

CRUZ, A.; GUERRA, J. *Educação Popular e Economia Solidária nas Incubadoras Universitárias de Cooperativas Populares- práticas dialógicas mediadas pelo trabalho*. In: HERBERT, S. (et al.) *Participação e práticas educativas- a construção coletiva do conhecimento*. São Leopoldo, Oikós, 2009, pp. 90-105.

CHRISTOFFOLI, P. I. *O desenvolvimento de cooperativas de produção coletiva de trabalhadores rurais no capitalismo: limites e possibilidades*. Curitiba, Dissertação de Mestrado, UFPR, 2000.

DAGNINO, R.; NOVAES, H. *As forças produtivas e a transição ao socialismo: contrastando as concepções de Paul Singer e István Mészáros*. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares/UNICAMP, Campinas, set. 2005. Disponível em <http://www.itcp.unicamp.br>.

Acesso em set.2012.

DAL RI, N. M.; VIEITEZ, C. G. *Educação Democrática e Trabalho Associado no movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra e nas Fábricas de Autogestão*. São Paulo, Icone, 2008.

_____. *Mudança Social na América Latina, Trabalho Associado e Educação*. Araraquara, Junqueira&Marin, 2009.

_____. *Trabalho associado. Cooperativas e empresas de autogestão*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

FERRER GUARDIA, F. *La Escuela Moderna*. Madrid, Editora Júcar, 1976.

FRANÇA FILHO, G. C.; LAVILLE, J. *Economia Solidária: uma abordagem internacional*. Porto Alegre, UFRGS, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. e NOGUEIRA, A. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1989.

GAIGER, L. A Economia Solidária diante do modo de produção capitalista. Caderno CRH, Salvador, v. 16, n. 39, p. 181-211, jul./dez.2003. Disponível em www.caderno.ufba.br/viewissue.

ICAZA, A. M. *Movimentos Sociais*. In CATTANI, A.D. et.al. *Dicionário Internacional da Outra Economia*. São Paulo, Almedina/CES, 2009.

MARÍN, D. *La Semana Trágica. Barcelona en llamas, la revuelta popular y la Escuela Moderna*. Madrid, La Esfera de los Libros, 2009.

MARQUES, P. L. *Otra Economía en Movimiento: Un estudio Sociológico sobre el movimiento social de la Economía Solidária en Brasil*. Tese de Doutorado, Facultad de Sociologia /Universidad de Granada, 2011.

_____. *Trabalho Emancipado: Experiência Autogestionária dos metalurgicos gaúchos*. Dissertação de Mestrado, PPGS/UFRGS, 2006.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo, Boitempo, 2008.

_____. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo, Boitem, 2006.

NASCIMENTO, C. *Experimentação autogestionária: Autogestão da pedagogia/Pedagogia da Autogestão*. In: NOVAES, H.; BATISTA, E.(Orgs.) *Trabalho, Educação e Reprodução Social. As contradições do capital no século XXI*. Bauru, Canal6 Editora/Projeto Editorial Práxis, 2011

NOVAES, H. o Fetiche da tecnologia. A experiência das fábricas recuperadas. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

NOVAES, H. e CASTRO, M. *Em busca de uma pedagogia da produção associada*. In: BENINI, et all (Orgs.) Gestão Pública e Sociedade. Fundamentos e Políticas Públicas da Economia Solidária. Vol.1, São Paulo, Outras Expressões, 2011a.

NOVAES, H. *A autogestão como Magnífica Escola: notas sobre educação no trabalho associado*. In: BATISTA, E. L.; BATISTA, E. L.;NOVAES,H.T.(Orgs.) Educação e reprodução Social: as contradições do capital no século XXI. Bauru, Canal6 Editora/Projeto Editorial Práxis,2011b.

PAGOTTO, C. *Ajustes e rupturas: cooperativismo e lutas sociais no Brasil contemporâneo*. Dissertação de Mestrado, PUC São Paulo, 2003.

PISTRAK, M.M. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo, Expressão Popular, 2001.

_____*A escola-Comuna*. São Paulo, Expressão Popular, 2009

RAZETO, Luis. Los caminos de la economia de solidaridad. Buenos Aires, Lumen-Humanitas, 1997.

SANTOS, B. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo, Boitempo, 2011.

SANTOS, B.; MENESES, M.P(Org.) *Epistemologias do Sul*, São Paulo, Cortez, 2010.

SINGER, P. *A Economia Solidária como ato pedagógico*, In: KRUPPA, S.(Org.)Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos, INEP, Ministério da Educação, Brasília, 2005.

_____*Introdução à Economia Solidária*. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____*A economia Solidária no Brasil: autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo, Contexto, 2003.

STRECK, Danilo Romeu. *Práticas Educativas e Movimentos Sociais na América Latina: aprender nas fronteiras*. Série Estudos: Periódico do Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, n. 22, p. 99-112, jul./dez. 2006.

TIRIBA, L. *Economia Solidária e cultura do trabalho. Pedagogia(s) da produção associada*. Ijuí, Editora UNIJUI, 2001.

TORRES, C. A. *Os mundos distorcidos de Ivan Illich e Paulo Freire*, In : TEODORO, A.; TORRES C.A(orgs) Educação crítica e utopia-Perspectivas para o século XXI, São Paulo, Cortez, 2006.

VENDRAMINI, C. R.; MACHADO, I. F.(Orgs.)Escola e movimentos sociais-Experiências em curso no campo brasileiro, São Paulo, Expressão Popular, 2011.

